

A scenic view of a river with a waterfall and a reflection of a building in the water. The water is turbulent and white with foam as it flows over rocks. The reflection in the calm water above shows a large, ornate building with a tower. The surrounding landscape is lush and green.

Ana Cristina Carvalho  
Isabel Fernandes Alves  
Ana Luísa Luz  
EDITORAS

*Imagens  
do ambiente natural e humano  
na literatura de ficção* **MINHO  
DOURO  
E TRÁS-OS-MONTES**

BY THE  
BOOK



Ana Cristina  
Carvalho



Isabel  
Fernandes  
Alves



Ana Luísa  
Luz

## AUTORAS | AUTORES

Isabel Fernandes ALVES | Ana Cristina CARVALHO | Natália  
CONSTÂNCIO | Irene FIALHO | António Cândido FRANCO |  
Ana LAVRADOR-SILVA | Jorge Costa LOPES | Margarida LOPES-  
-FERNANDES | Ana Luísa LUZ | Assunção Anes MORAIS |  
Ana RIBEIRO | Lúdia Machado dos SANTOS | José Manuel Teixeira  
da SILVA | Elisa Gomes da TORRE | Fernanda Monteiro VICENTE

## INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, DE CULTURA E DE AMBIENTE E CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

- *Universidade do Algarve*: CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação)
- *Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras*: CLP (Centro de Língua Portuguesa)
- *Universidade de Évora*: IHC (Instituto de História Contemporânea)
- *Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras*: CEAUL (Centro de Estudos Anglísticos)
- *Universidade do Minho*: CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos)
- *Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*: CICSNova (Centro Interdisciplinar de Ciências sociais) | IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição) | CRIA (Centro em Rede de investigação em Antropologia)
- *Universidade do Porto – Faculdade de Letras*: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa | Instituto de Filosofia
- *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*: CEL (Centro de Estudos em Letras)
- *Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação*
- *Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas*
- *Academia de Letras de Trás-os-Montes*
- *Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto*
- *Centro de Estudos Ferreira de Castro*
- *Agrupamento de Escolas de Vila Pouca de Aguiar*

**MINHO  
DOURO  
E TRÁS-OS-MONTES**

## **Literatura & Ambiente**

Direção: Ana Cristina Carvalho

1. *Alentejo(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho e Albertina Raposo

2. *Beira(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira

3. *Minho, Douro e Trás-os-Montes. Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho, Isabel Fernandes Alves e Ana Luísa Luz

Ana Cristina Carvalho  
Isabel Fernandes Alves  
Ana Luísa Luz  
EDITORAS

*Imagens* **MINHO**  
*do ambiente natural e humano* **DOURO**  
*na literatura de ficção* **E TRÁS-OS-MONTES**

BY THE  
**BOOK**

© **Edição:** By the Book, Edições Especiais

**Título:** Minho, Douro e Trás-os-Montes: Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção

**Editoras/Organizadoras:** Ana Cristina CARVALHO, Isabel Fernandes ALVES e Ana Luísa LUZ

© **Autoria:** Isabel Fernandes ALVES (Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD; Univ. de Lisboa, Fac. Letras), Ana Cristina CARVALHO (Univ. Nova de Lisboa, FCSH), Natália CONSTÂNCIO (Univ. Nova de Lisboa, FCSH; Univ. do Algarve), Irene FIALHO (Univ. Nova de Lisboa, FCSH), António Cândido FRANCO (Univ. de Évora), Ana LAVRADOR-SILVA (Univ. Nova de Lisboa, FCSH), Jorge Costa LOPES (Univ. do Porto, Fac. Letras), Margarida LOPES-FERNANDES (Univ. Nova de Lisboa, FCSH; Inst. da Conservação da Natureza e Florestas), Ana Luísa LUZ (Univ. Nova de Lisboa, FCSH), Assunção Anes MORAIS (Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro; Academia de Letras de Trás-os-Montes), Ana RIBEIRO (Univ. do Minho), Lídia Machado dos SANTOS (Inst. Politécnico de Bragança; Univ. de Évora), José Manuel Teixeira da SILVA (Ass. dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto), Elisa Gomes da TORRE (Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro; Univ. do Porto), Fernanda Monteiro VICENTE (Inst. Politécnico de Bragança).

**Revisão Científica** (*Double-blind peer review*): Ana Cristina Rodrigues (Inst. Politécnico de Viana do Castelo); Bernard Emery (Univ. de Grenoble); Carlos Jorge Jorge (Univ. de Évora); Claire Williams (Univ. de Oxford); Gabriel Magalhães (Univ. da Beira Interior); Isabel Ponce de Leão (Univ. Fernando Pessoa); Iva Miranda Pires (Univ. Nova de Lisboa); João Minhoto Marques (Univ. do Algarve); Luís Miguel Cardoso (Inst. Politécnico de Portalegre); José Eduardo Reis (Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro); Maria Araújo da Silva (Univ. de Sorbonne); Natália Fauvelle (Museu do Douro; Univ. do Porto); Roberto Francavilla (Univ. de Génova).

**Ilustração:** Alfredo da Conceição, João Luís Pereira de Casto, Maria de Lourdes Carvalho.

**Fotografia:** Luís Rocha Monteiro (*In memorium*), Maria da Assunção Anes Morais, Paulo Rocha Monteiro, Paulo Magalhães, Isabel Fernandes Alves, Ana Luísa Luz, Ana Cristina Carvalho (capa e miolo).

**Capa:** Veronique Pipa

**ISBN:** 978-989-35649-5-0

**Gráfica:** Gráfica Manuel Barbosa & filhos, lda

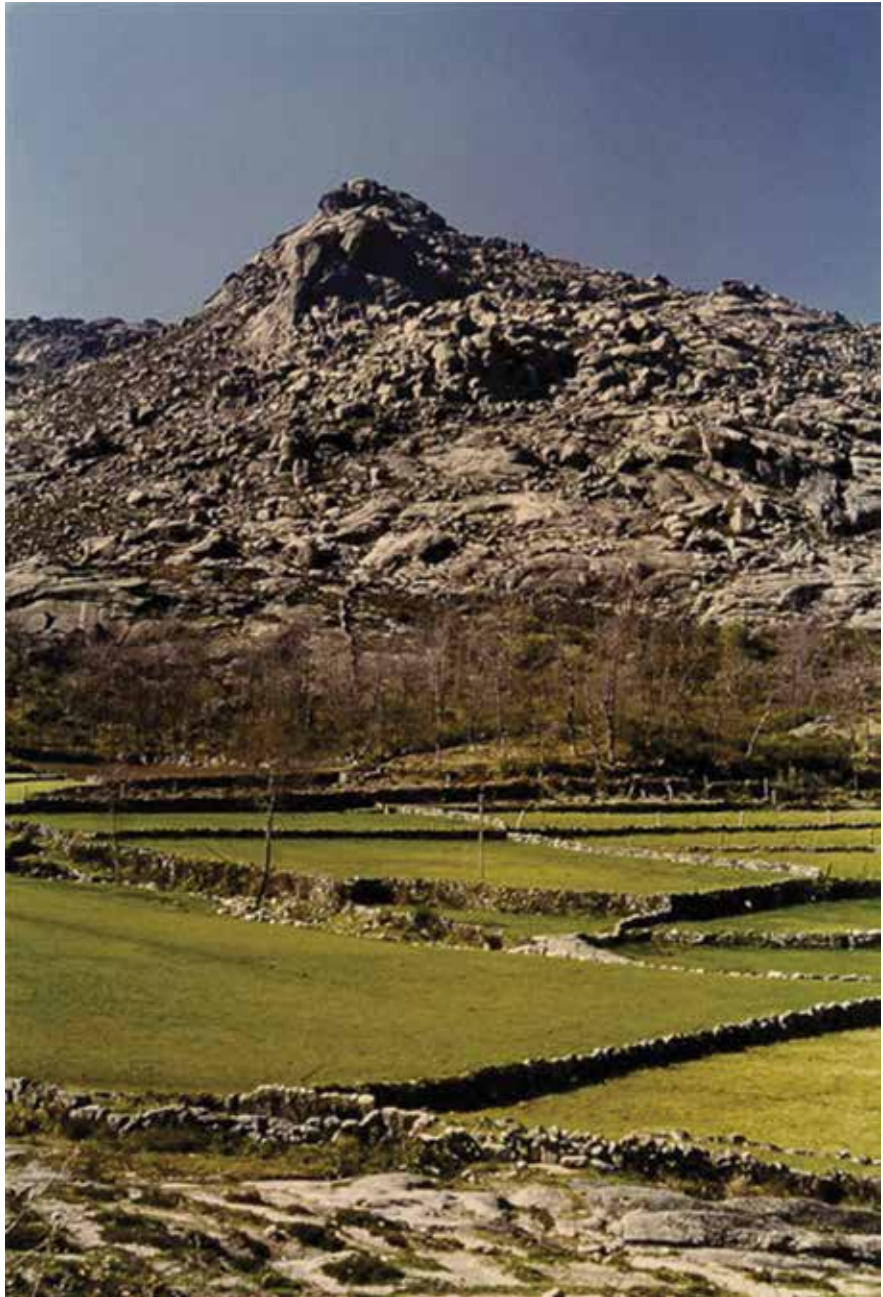
**Depósito legal:** 538974/24

Lisboa, Agosto 2024

**BY THE  
BOOK**

**Edições Especiais, lda**  
Rua das Pedreiras, 16-4º  
1400-271 Lisboa  
T. + F. (+351) 213 610 997  
www.bythebook.pt

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico CEECIND/02152/2017 e do CEEC 2021.03433 – contratos com a Faculdade de Ciências, Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Parque Natural do Alvão (© Luís Rocha Monteiro)

AGRADECIMENTOS ..... 11

EPÍGRAFES ..... 13

TRECHOS ILUSTRATIVOS ..... 15

José António de Sá, Camilo Castelo Branco,  
Raul Brandão, Domingos Monteiro

INTRODUÇÃO ..... 27

Introduction

ANA CRISTINA CARVALHO  
ISABEL FERNANDES ALVES  
ANA LUÍSA LUZ

CAPÍTULO 1 ..... 43

Para além da vinha: as árvores na ficção  
de João de Araújo Correia

Beyond the vineyard: the trees in João  
de Araújo Correia's fiction

ANA RIBEIRO

CAPÍTULO 2 ..... 61

A paisagem rural:  
relações e formas afetivas  
em *Crónica da Casa Ardida*

The rural landscape: relations and affective  
forms in *Crónica da Casa Ardida*

ISABEL FERNANDES ALVES

CAPÍTULO 3 ..... 77

Os mistérios do Porto e o romance  
*A Muralha* de Agustina Bessa-Luís

The mysteries of Porto and the novel  
*A Muralha* by Agustina Bessa-Luís

JORGE COSTA LOPES

CAPÍTULO 4 ..... 93

Recortes do ambiente físico e humano  
na ficção dinisiana: *Serões da Província*  
e *A Morgadinha dos Canaviais*

Fragments of the physical and human  
environment in the fiction of Júlio Dinis: *Serões*  
*da Província* and *A Morgadinha dos Canaviais*

FERNANDA MONTEIRO VICENTE



CAPÍTULO 5 ..... 111

*Os Simples* de Guerra Junqueiro.

Trás-os-Montes: a alma do povo

*Os Simples* by Guerra Junqueiro.

Trás-os-Montes: the soul of the people

LÍDIA MACHADO DOS SANTOS

CAPÍTULO 6 ..... 127

Viagem ao Douro pela pena  
de notáveis escritores e poetas

Journey to Douro by the pen of notable writers  
and poets

ANA LAVRADOR-SILVA

CAPÍTULO 7 ..... 149

Paisagem, natureza e criaturas:  
uma região pela escrita de Bento da Cruz

Landscape, nature and creatures: a region  
as perceived by Bento da Cruz's writing

MARGARIDA LOPES-FERNANDES

CAPÍTULO 8 ..... 171

*A Paixão do Conde de Fróis*, de Mário  
de Carvalho: contar a paisagem e o território  
a partir da (in)existência de um mapa

*A Paixão do Conde de Fróis* by Mário de Carvalho:  
telling the landscape and the territory from a  
(non-)existing map

NATÁLIA CONSTÂNCIO

# Recortes do ambiente físico e humano na ficção dinisiana: *Serões da Província* e *A Morgadinha dos Canaviais*

FERNANDA MONTEIRO VICENTE

fernanda.vicente@ipb.pt

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança

## 1. INTRODUÇÃO

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, conhecido pelo pseudónimo que o notabilizou, Júlio Dinis, escreveu uma obra pouco extensa, uma vez que foi acometido pela tuberculose, que cedo lhe ceifou a vida. Apesar da existência efémera, experimentou diversos modos e géneros literários. A poesia, o teatro, o conto breve e o romance integram a sua parca produção literária.

Ao longo de muito tempo, Júlio Dinis ficou arredado do interesse da crítica literária. No entanto, desde 2010 voltou a ser alvo da atenção de alguns estudiosos. O romancista popularizou-se por uma certa idealização romântica, associada aos finais felizes das relações vividas pelas suas personagens e aos ambientes rurais, próximos de paraísos terrestres. No ensino secundário, enquanto fez parte do cânone literário, com valor cultural incontornável, propunha-se a leitura do romance *Uma Família Inglesa* (1867). Entretanto, as suas obras e o escritor foram votados ao esquecimento, não constando das propostas das Aprendizagens Essenciais da escolaridade obrigatória. Eventualmente, os jovens leitores não têm a maturidade requerida para compreender em toda a profundidade a obra deste escritor portuense.

Tratando-se de um autor de transição entre o romantismo e o realismo, os contornos destes movimentos literários na sua produção literária não são fáceis de definir, como bem se percebe pelo estudo de diversos estudiosos (Lepecki, 1979; Lima, 1940; Stern, 1972), sendo esta uma das possíveis razões para

ter sido retirado do currículo escolar. De acordo com Rita (1999), este é também um dos motivos pelos quais este escritor tem vindo a ser secundarizado. A impressão de alguns seus contemporâneos poderá ter contribuído para o relegar para este plano. Certamente as palavras de Eça de Queiroz em *Uma Campanha Alegre*, aquando da morte do escritor, ecoam na nossa memória «Júlio Dinis viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve» (Queiroz, 1890). Bastaria uma análise temperada pela distância temporal que nos separa do escritor e toda a obra ensaística e estudos realizados sobre ela para se compreender que a sua vida literária não se pautou por este diapasão. São os seus passos precursores do realismo que o provam, como já vários investigadores demonstraram. Temos, porém, de concordar com o autor de *Os Maias* quando refere que «Júlio Dinis amava a realidade: é a feição viril e valiosa do seu espírito». A reflexão que o presente artigo suscita centra-se numa das vertentes desta dimensão da obra narrativa dinisiana.

A geografia portuguesa física e humana constitui para Júlio Dinis inspiração incontornável, como se depreende da leitura de *Cartas e Esboços Literários* (Dinis, 1967a). A influência de Ovar e das suas gentes na ficção dinisiana foi já amplamente discutida (Cruz, 2002; Ferreira, 1987; Fragateiro, 1989; Lamy, 1989; Simões, 1988; Tavares, 1939, 1957; Vicente, 2023). A par dessa referência geográfica, a leitura da obra ficcional do escritor convoca-nos para a província do Minho, que provoca impressões incontornáveis. Em *Cartas e Esboços Literários*, numa carta dirigida a Passos Manuel, escrita em 19 de março de 1869, no Funchal, este espaço geográfico assume especial fascínio («o campo não me faz esquecer o Minho», p. 134). Talvez por a vegetação ser ali mais abundante e variada, manifesta a sua preferência pela paisagem campestre minhota. Na ficção como na realidade, patenteia-se o encanto destas paisagens e das peculiaridades dos seus habitantes. A leitura atenta dos contos e dos romances revela bem o fascínio que elas exercem sobre o autor.

Como se disse, Júlio Dinis não teve a oportunidade de produzir uma vasta obra literária, porquanto breve foi a sua existência. Ainda assim, publicou um conjunto de obras que interessa trazer à colação. A primeira edição de *A Morgadinha dos Canaviais* data de 1868, mas foi justamente com o conto *Justiça de sua Majestade* que o escritor se estreou, em 1858. Este conto integrará mais tarde a coletânea *Serões da Província*, na sua terceira edição, publicada em 1879, já após a morte de Júlio Dinis.

Ao longo deste ensaio centraremos a nossa atenção sobretudo nestas duas obras, embora tal não nos coíba de fazermos incursões pontuais a outras produções narrativas.

Os lugares reais e exuberantes do Minho, tão apreciados por Joaquim Gomes Coelho, mas também a tradição e cultura dos espaços campestres

desta região, foram sujeitos a reconfiguração literária, que revisitaremos. Partindo da sua correspondência, depreende-se que a ficção romanesca de Júlio Dinis recria quadros territoriais e humanos que resultam das viagens e do contacto do escritor com cidades das regiões do Porto, Aveiro, Braga, entre outras, situadas na região do Douro e Minho, como aponta Pereira (2017).

## 2. O IMAGINÁRIO MINHOTO NA NARRATIVA BREVE DE JÚLIO DINIS

Revisitar os contos de Júlio Dinis recentra a atenção do leitor nos espaços seleccionados para o desenrolar da ação. O Minho é o local eleito para o conto «As apreensões de uma mãe» (Dinis, 1971), em que o narrador, «voltando de uma pequena digressão pela província do Minho» (p. 9), é recebido «a meio caminho do Porto a Braga» (p. 9) como hóspede pela Sr.<sup>a</sup> D. Margarida de Entre Arroios». Neste espaço de convívio familiar, dominado pelos afetos e a convivialidade, a anfitriã recolhe informações relevantes para a tomada de decisões que determinarão o futuro do seu filho único, Tomás. Auscultados o abade, o médico e o juiz, ela não menospreza a opinião do hóspede, nem deixa de atender às naturais inclinações do filho, para assisadamente ponderar todos os contributos conducentes a escolha do percurso académico do seu herdeiro. Entre Arroios configura-se como o local de refúgio familiar, de recato, de paz, em que D. Margarida concebe a promoção e o desenvolvimento de conhecimentos e capacidades (artes e línguas) na jovem Paulina, através de uma educação esmerada, providenciada em Lisboa, preparando-a para o casamento com Tomás, o seu filho. A inteligência e a educação da órfã alimentarão a união do casal, para o qual fora indispensável todo o investimento encetado por D. Margarida.

Uma outra dimensão desta província explorada na narrativa breve é a frescura da paisagem que sobressai na descrição da vista contemplada pelo narrador, ao abrir a janela do quarto em que pernoitou. O pomar destaca-se, já que «sustentava nos mercados a boa fama da horticultura minhota» (Dinis, 1971: 65).

Ademais, a gastronomia da região é outra dimensão evocada, a propósito dos prazeres apreciados pelo abade já falecido, pertencente à ordem do mosteiro dos Beneditinos. Os monges de Santo Tirso destacam-se na preparação da «farinha de S. Bento», uma gulodice famosa, como refere Porto (2010), que, segundo a lenda, se considera ter o poder de aplacar as iras dos frades e

de um monarca. As frigideiras de Braga, oferecidas pelo médico, fazem as delícias de uma das refeições. Concordamos com Leite (2010), ao assegurar que «o leitor tem a possibilidade de saber as horas das refeições, os pratos servidos ou as preocupações com as criadas» (p. 89).

É também «numa pequena cidade da província do Minho [que] havia muito se tornara opinião geral que Cipriano Martins, octogenário que vivia miseravelmente [...] possuía fabulosas riquezas, e era devorado pela sórdida e inqualificável avareza» (pp. 96-97) que se localiza a ação do conto «Espólio de Sr. Cipriano» (Dinis, 1971). Esta cidade torna-se alvo da crítica aos inoperantes poderes legislativo, governativo e religioso. Diante das dificuldades da irmã do velho avarento mostram-se incapazes de celebrar as exéquias do seu patrício. Esta terra é a metonímia do Portugal do século XIX em que grassam a ignorância e a miséria. Por outro lado, a imaginação do povo, transmitida de geração em geração, é outro aspeto característico da etnografia minhota. Curiosamente, os boatos da tradição popular acabam por se confirmar pelo exemplo do velho Cipriano, que convertera a sua fortuna em títulos, queimados *a posteriori* displicentemente pela irmã. Esta morre, depois de devassar a riqueza da família, inconsciente do valor do combustível que usava para se aquecer, enquanto atravessava as maiores dificuldades económicas de que tinha memória.

Em suma, desta cidade provinciana minhota, ressaltam a miséria, a ignorância, os boatos e o caráter avarento do Sr. Cipriano. Algumas destas ideias assomam no estudo de Leite (2010) sobre a narrativa breve dinisiana.

No volume II de *Serões da Província*, no conto breve «Justiça de sua Majestade» (Dinis, 1980), a paisagem minhota ganha um fulgor maior e redobram os cuidados do escritor com os pormenores para a configuração literária do espaço físico. A descrição paisagística do Minho ocupa os primeiros parágrafos:

O campo vestia-se de seus mais opulentos e matizados trajos.

O Minho estava fascinador.

Por toda a parte eram já espessuras frondosas e impenetráveis; sombras discretas; vales misteriosos e encantadores, graças ao claro-escuro com que a vegetação renascente os coloria; colinas adornadas e festivas, como um trono de altar em capela rústica; enfloradíssimos silvados, veigas a exuberarem vida; e, por entre tudo isto, casas de brancura ofuscante, e acima de tudo, um céu sem nuvens, um céu azul, daquele azul dos céus napolitanos, a meu ver, tão culpados na existência como lazzaroni.

As torrentes estavam nas suas horas de bom humor; não bramiam, murmuravam apenas; não se precipitavam impetuosas do alto dos outeiros, deixavam-se escorregar pelas anfractuosidades das quebradas.

Os ventos, como que arrependidos, pretendiam com afagos fazer esquecer aos arbustos mais tenros as violências passadas.

A luz salutar da Primavera convertia-se, por mágica metamorfose, em perfumes que embalsamavam os ares, em flores que esmaltavam os prados, em harmonias vagas que as brisas transportavam de selva em selva, que as aves escutavam atentas e os ecos repercutiam sonoros.

Nestes dias assim sente-se palpitar de vida a natureza inteira.

Por toda a parte se realiza um génesis. No solo é o grão que germina; nos troncos as novas folhas que brotam; nos ramos as flores que desabrocham; nas águas, nas florestas, nos vergéis, nos ares uma jovem e inquieta geração de aves e de insectos que surge, animando tudo com seus magníficos concertos, com suas valsas incessantes e rápidas, iluminadas por um sol vivificador.

É contagiosa esta alegria da natureza. [...]

É a época de esplendor dos «bons retiros» campestres. (pp. 139-141)

De seguida, e por contraste, descreve-se o Porto e a azáfama associada à cidade comercial. As revoluções liberais não são recebidas com surpresa pelas gentes do Minho, já a visita da rainha desperta a curiosidade e admiração de todos. É justamente este acontecimento que se prepara no norte do reino e, em torno dele, se desenrola a intriga do conto. O narrador descreve com pormenor os trajes característicos do Minho, em todo o seu esplendor e colorido (Dinis, 1980):

Os traços pitorescos do Minho, as cores garridas dos lenços e saias, a alvura das camisas de linho, o brilho dos cordões e das arrecadas, as festas de viola e clarinete acompanhando vilancetes improvisados de alguma cantadeira famosa, davam a toda esta multidão, que se enfileirava de um e de outro lado da estrada ou, acampada em grupos nas devesas e pinhais vizinhos, procedia a apetitosos repastos, complemento de todos os regozijos populares no Minho, um ar de satisfação indiscreto (p. 149).

Ao longo da breve narrativa, diversas cidades da província do Minho vão sendo mencionadas, como Vila Nova de Famalicão, Barcelos, Braga e Viana, pois as personagens movimentam-se nesses lugares ou, então, contextualizam acontecimentos relevantes para a narrativa. Começamos por evocar os acontecimentos ocorridos, cujos efeitos se refletem no presente da ação. O Minho foi o lugar onde militou a personagem major Samora, no exército de D. Pedro. É «à vista destes lugares» (Dinis, 1980:170) que relembra o seu romance com Maria Luísa, cujo coração despedaçou, sem saber que desta relação deixava descendência. Esta paisagem comove ainda o major, quando a ela regressa.

O major, deixando correr a vista por todos os pontos da paisagem lateral à estrada por as veigas, almargens, devesas, pinhais de um ameno e delicioso panorama do Minho, dir-se-ia ressentir uma violenta comoção interior, como se lhe fossem conhecidos aqueles sítios, e lhe estivessem evocando memórias de outros tempos com toda a inquieta turba de saudades, que, de ordinário, as acompanham (p. 168)

A natureza minhota tem uma capacidade regeneradora sobre as personagens oriundas da cidade, cujos comportamentos erráticos têm aqui a oportunidade de se corrigirem. Isto acontece não só com o major, mas também com Filipe de Rialva, que havia comprometido levemente a honra da sobrinha de José Urbano. Para Leite (2010), estes cidadãos «transformam-se e trocam a severidade pela leveza, a tristeza pela alegria (p. 88)», por ação do ambiente e da geografia rurais. A confissão da história de amor do major não faz adivinhar no leitor o entrelaçar desta com outra história da irmã de José Urbano, criada com uma ama de leite, depois de este ter partido para o Brasil, no intuito de enriquecer.

O Brasil principiou-me então a sorrir com as suas promessas de riquezas com que a tantos atrai. [...] Estive no Brasil por ocasião da guerra da independência. Basta que diga isto. Mas a minha perseverança valeu-me e não me deixou soçobrar. No fim de seis anos aumentava consideravelmente a mesada a minha irmã. No fim de oito podia-me dizer rico «Mais um ano no Brasil e voltarei para Portugal», disse eu comigo. (p. 254)

A emigração para o Brasil é uma realidade social neste período em Portugal, nesta província, como noutras de Portugal, estudada por investigadores (Pereira, 2017), e testemunhada também no conto «Espólio do Sr. Cipriano». Os resultados deste movimento migratório são, no entanto, díspares nos dois contos. Agostinho regressou tão pobre quanto partiu; já José Urbano enriquece. O romance convoca esta realidade social também, como teremos oportunidade de ver, e as duas realidades estão em coerência com o que mostram Fernandes e Paiva (2009), que estudam a emigração dos minhotos para o Brasil, explorando as características dos emigrantes bem-sucedidos e as alterações decorrentes do regresso destes à região minhota, nomeadamente à Vila de Famalicão.

Nas narrativas breves, não são esquecidas as festividades da região minhota, sejam o Dia de Reis, o Carnaval ou a vinda da rainha D. Maria II àquela província. Dos dias festivos sublinham-se aspectos primaciais, como a vida em família, o convívio em comunidade, a desordem e o tumulto alegre das crianças e velhos no lar doméstico. O final destas festividades, em «Justiça de

sua Majestade», entristece o narrador («Eu não sei de nada mais triste do que o terminar de todas as festas», p. 165). O *terminus* das épocas festivas associa-se ao sentimento de desânimo, causado pela partida dos viajantes do Minho. O narrador recorda, naturalmente, a partir do fim desta quadra natalícia, o momento em que se desfaz o presépio no Natal, encerrando-se, assim, um período de alegria e entusiasmo. Boto (2006) frisa, a propósito desta passagem, a descrição «crua e realista» (p. 64) do regresso à escola no dia 6 de janeiro, com poucos atrativos e em que a doçura do tempo de férias em família desaparece, longe da faceta idealizante, tantas vezes atribuída a Júlio Dinis.

O campo, com o seu devir cíclico, em que as estações se sucedem naturalmente com as suas nuances peculiares, é, em *Serões da Província*, invadido pela musicalidade do canto humano que nele se propaga, em tudo similar à profusão do trino das aves. A música de «toada popular, que então andava na boca de todos» (Dinis, 1980: 181) irrompe da boca do académico. As canções são tão bem conhecidas que muito facilmente todos se unem em coro para as cantar: «de novo se guardou um silêncio solene para escutar tão popular produção, algumas das quais muitos já repetiam em coro» (p. 187). Mais adiante salienta-se a importância do canto para a gente da província: «E efetivamente esta gente do campo é essencialmente amante da música. Ainda não cessamos de ouvir cantar» (p. 236). Além das músicas de índole popular, as expressões populares e de tom coloquial são transpostas para os diálogos, marcando um universo literário ficcional, em estreita relação com o contexto sociocultural. A linguagem popular emerge nesta narrativa breve em diálogos vivos. O discurso de Roberta, por exemplo, traduz a riqueza linguística da região: «Não tem dúvida; uma vez não são vezes», «e vão com Nossa Senhora», «Fie-se em calores de Maio!», «Esta não há-de ter uma sorte infeliz, ao poder que eu possa» (p. 225); «Eu o que não tenho são papas na língua» (p. 226); «Atenciosa é ela com os pobres, Deus Nosso Senhor lho pague»; «Eram uns galos doidos, coitadinhas, nem por estarem diante de quem estavam» (p. 227); «Credo! Fiquei sem pinga de sangue, e por pouco não caí redondamente no chão» (p. 231); «...santo nome de Deus!!» (p. 232), «Indo a fonte limpa. Quem pode...» (p. 260); ou «[...] a reputação da menina andava já por essas bocas do mundo; as delambidas das freiras puseram-se a fazer biquinhos à volta da menina para o convento.» (p. 229)

A crença religiosa manifesta-se pelas interpelações e referências aos santos e à virgem («Deus Nosso Senhor lho pague», p. 227; «[...] rezei muito a Nossa Senhora», p. 231; «Decerto me valeu o meu padre Santo António», p. 231). E as refeições no campo recebem denominações distintas, o almoço corresponde ao pequeno-almoço citadino e o jantar ao almoço, como será oportuno registar («Ao meio-dia, graças aos esforços combinados dos três, o jantar foi declarado completo» (Dinis, 1980:209).

### 3. OS CONTORNOS MINHOTOS NAS PAISAGENS FÍSICAS E HUMANAS DO ROMANCE DINISIANO

De todos os romances rústicos de Júlio Dinis, aquele em que a presença da província minhota mais se faz sentir é em *A Morgadinha dos Canaviais*, por isso centraremos nele a nossa atenção. Encontraremos ressonâncias evidentes da geografia física e humana minhota já abordadas a propósito da narrativa breve.

À semelhança do que se verificou nos contos, a receção feita aos hóspedes nos romances é igualmente afável. Quando os hóspedes são familiares que estiveram ausentes na metrópole, o acolhimento é ainda mais prazeroso e estende-se inclusivamente a toda a vizinhança, com convites e ofertas, como acontece com Henrique de Souselas, no romance que analisaremos de seguida. Esta qualidade da povoação minhota é assinalada por Porto (2010). A chegada de Henrique à quinta de Alvapenha, situada naquela província, exige que esta personagem atravessasse uma verdadeira via-sacra, conjunto de provações para, por fim, alcançar o paraíso terrestre – Júlio Dinis a evocar a viagem mística do pecador no *Boosco Deleitoso*, para alcançar a união mística por meio da descoberta de si próprio nessa caminhada. Depois de os médicos lhe terem receitado, para os males de tédio que o invadem na cidade, o refúgio no campo, decide partir, sem ter a verdadeira noção dos obstáculos que terá de enfrentar para dele fazer parte. Martini (2022) defende que a doença de Henrique de Souselas reflete a formação científica e positivista do autor, que aponta os sintomas da «bílis negra», perturbação mental vulgar na época. A referência ao hospital de Rilhafoles, hospital para doentes mentais situado em Lisboa, contribui certamente para elucidar o leitor sobre a índole deste mal.

O Minho parece estar isolado e ser impenetrável para este homem habituado às lides urbanas. Durante o percurso, em direção à casa da tia Doroteia, tudo o que os sentidos captam o perturba, desde o ruído das levadas ao som produzido nas profundezas dos despenhadeiros, passando pelo fragor das cascatas, pelo ranger das rodas dos moinhos, ou pelo estrondo da torrente, até às vozes dos aldeões. A impaciência da personagem vai recrudescendo, à medida que o tempo de viagem se prolonga. O leitor tem a noção de que viajar de Lisboa até ao Minho se torna uma espécie de suplício interminável. O tempo parece ter parado naquela província, percecionada pelo olhar de Henrique de Souselas («A memória de Henrique [...] sentia-se acordar, à vista daquilo tudo», Dinis, 1999: 22). A receção calorosa da tia e da criada fazem-no sentir-se quase criança de novo.

Após a sua descida aos infernos e uma noite de sono reparadora, recupera-se a relação harmoniosa entre a natureza e a personagem, por ação da

luz matinal. Os sons, que, no ambiente sombrio do dia anterior, o desconcertavam, agora agradam-lhe. A mudança fá-lo sentir-se «tão bom, tão vigoroso, tão contente que teve vontade de cantar». A natureza realiza assim uma transmutação na personagem cidadina, que agora encontra nela contornos mágicos e uma dimensão encantatória, ao ponto de a associar ao «milagre das Fadas», de Ariosto e Tasso. A transformação da personagem e a forma como se ajusta à natureza são aspectos apontados por Abreu (2010). O certo é que o estado de espírito de Henrique se altera do dia para a noite, acompanhando as mudanças do estado do tempo e em plena sintonia com ele. Despreocupa-se com a *toilette*, desvanece-se o aspeto melancólico da véspera, o leite sabe melhor, e até encontra assunto para efabular conversa com a tia e a criada.

Buescu (1990) ressalta a possibilidade de as descrições se constituírem como extensões da personagem e lhe proporcionarem oportunidades de autognose. Afirma ainda que, no contexto do romantismo, o carácter excepcional e singular da personagem decorre da definição de «certos locais, certas paisagens, certos objectos como portadores de uma inequívoca relação de sentido com o sujeito». (p. 215).

Curiosamente o espaço citadino emerge neste romance como a causa de um estado de espírito caracterizado pela tristeza, pelo tédio, pela perda de valores e princípios que caracterizam um lugar que com ele contrasta – a aldeia, situada na província do Minho. Além de Henrique de Souselas, também o conselheiro Bernardo, Madalena, Augusto e Daniel sentem a cidade como corrupta e corruptível. O conselheiro chega a temer pela saúde de Madalena, quem sabe não seria tomada pelo tédio que assolou Henrique se ali permanecesse por mais tempo.

Assim, a mudança de espaço é o primeiro passo para o renascimento da personagem que decorrerá no contexto aldeão minhoto. Num lugar caracterizado pelo convívio familiar, pela caridade, pela oportunidade de encontrar um refúgio, de regressar às origens. A proximidade entre senhores e criadagem leva-o a desfrutar da empatia dos seus familiares. Não obstante, nem tudo é positivo no ambiente campestre e algumas situações merecem um reparo do narrador, como sejam a coscuvilhice, o fanatismo religioso, a imoralidade, a hipocrisia, o conflito de interesses, os jogos políticos.

A chegada do correio às aldeias isoladas do Minho patenteia-se neste romance, mas também noutros, por exemplo em *As Pupilas do Sr. Reitor* (1866). Nestes locais, a generosidade de uma alma como a de Madalena agradece-se. O analfabetismo vence-se com a caridade de alguém como ela, que se dispõe a ler as cartas remetidas pelos familiares. Os aldeões, cuja instrução não permite decifrá-las, descobrem, então, o que consta das cartas que lhes são endereçadas, as novidades que lhes chegam da capital ou de muito mais longe,

do estrangeiro, em alguns casos do Brasil ou de França. A vinda do correio é, portanto, um evento muito importante que deixa a aldeia em alvoroço e cheia de entusiasmo. A voz de Madalena encanta, de imediato, Henrique de Souse-las, o cidadão que desconhece a identidade da leitora e esta realidade aldeã.

Boto (2006) refletiu sobre a cultura escolar na literatura portuguesa do século XIX, nomeadamente nesta obra de Júlio Dinis, referindo-se a este episódio e à importância que configurava a chegada do correio em aldeias distantes, onde predominava o número de analfabetos que não poderiam aceder autonomamente ao que lhes era transmitido e dependiam da gentileza de outras para saberem as novas que vinham espelhadas nessas cartas. A pobreza e a ignorância são traços da povoação rural que se evidenciam assim neste universo literário, mas que bem caracterizam as populações que habitavam estas regiões.

O convívio familiar, reunindo os elementos que trabalham ou estudam fora da aldeia, sobressai sobretudo em momentos festivos como o Natal, em que as tradições e costumes ocupam um lugar de relevo. Recorde-se a representação do auto dos Reis, no capítulo XVIII, a este propósito. Ângelo e o Conselheiro Bernardo regressam para junto da família com o objetivo de passar a época natalícia na aldeia. Por outro lado, este lugar simboliza a possibilidade de as personagens ultrapassarem algum desgosto ou recuperarem o vigor, a saúde que periga em algumas situações na urbe. Tal como demonstra a relação entre Maria de Jesus e D. Doroteia, os serviçais da casa são tratados como mais um elemento da família, que merece a sua total confiança e amizade, nutrida por uma vida de convivência próxima.

As festividades nestes lugares do Minho atraem também a atenção do narrador de *A Morgadinha dos Canaviais*. Entre elas, incluem-se as festas da consoada em família alargada em casa da D. Vitória, a azáfama característica, os jogos de Natal (rapa, par ou pernã), o presépio, a novena e o Auto dos Reis, explorados neste romance, à semelhança do que acontece pontualmente nas narrativas breves. Estes eventos pincelam a obra dinisiana de contornos etnográficos muito interessantes, que configuram traços culturais das gentes que habitam aqueles lugares de Portugal do século XIX. As cantigas populares entoadas pelas personagens também evidenciam a riqueza da cultura local. Recordem-se as palavras do autor, sob o pseudónimo de Diana de Aveleda, a este propósito (1967b):

Às vezes lembra-me que o povo é como os pássaros, que amenizam a espesura das selvas. Qual deles foi o autor desses quebros e gorjeios que todos repetem? Quais os maestros?, quais os discípulos? Não há distinção. Cantam assim porque lhes está na natureza aquele cantar, porque as vozes do campo

desafiam um eco e eles respondem-lhes, como a concavidade da colina responde aos ventos que a bafejam. Aí está. (p. 213)

É «nos extremos do Minho e onde esta risonha e feracíssima província começa já a ressentir-se, se não ainda nos vales e planuras, nos visos dos oiteiros pelo menos, da vizinhança da sua irmã, a alpestre e severa Trás-os-Montes» que se ouvem as cantigas do companheiro de viagem de Henrique (Dinis, 1999a). Do mesmo modo, o reitor de *As Pupilas do Senhor Reitor* ouve a cantiga «Morena», trauteada pelo jovem Daniel, cujas coplas o narrador regista, para memória futura da etnografia local (Dinis, 1999b: 16-17). As cantigas soam também pelo timbre da voz de Clara e de Margarida, que instigada por Daniel canta a «Cabreira». Pedro, José das Dornas e um aldeão aventuram-se também na arte do canto popular. Durante a desfolhada, as vozes das raparigas do povo juntam-se à de Clara, para com ela constituírem um belo coro, que dá voz às toadas populares:

Andava a pobre cabreira/ O seu rebanho a guardar,/ [...] Desde que rompia o dia./ Até a noite fechar» [...] De pequenina nos montes/ [...] Nunca teve outro brincar, / Nas canseiras do trabalho,/ Seus dias vira passar./ Sentada no alto da serra pôs-se a cabreira a chorar./ [...] porque chorava a cabreira/ Agora haveis de...(pp. 173-172).

Daniel é visto por um aldeão a conversar com Clara, o que o motiva a referir-se-lhe metaforicamente como caçador:

Caçador que vais à caça;/ Muito bem armado vais;/ Os olhos levais por armas,/ E, em vez de tiros, dás ais.  
[...] Singular caçada a tua, Arrojado caçador, Que, em lugar de penas de aves, Só trazes penas de amor» (p. 184).

A religiosidade é um traço importante das personagens que habitam a província do Minho. Ao entrar na casa de D. Doroteia, as interjeições populares revelam a importância desta dimensão no dia a dia das personagens. A corte dos Santos é descrita como um museu de estampas de devoção, com a representação colorida de santos e santas. Lugares sagrados, como a capela da Sr.<sup>a</sup> da Saúde, são referências icónicas nas obras de Júlio Dinis, retratando a beleza da paisagem ao amanhecer. No entanto, nem sempre essa religiosidade é benigna e pode misturar-se com conceitos pagãos, perdendo a sua essência espiritual regeneradora, como refere Lopes (2008). Porto (2010) distingue as marcas de religiosidade positivas das negativas neste romance dinisiano.

As primeiras manifestam-se nas orações, nas festividades e rituais religiosos. Já o fanatismo ilustra a dimensão negativa.

Júlio Dinis, ao descrever os lugares do Minho, ressalta as suas virtudes, mas também tece críticas à maledicência, à corrupção eleitoral, à vilania e ao fanatismo religioso que povoam as aldeias minhotas. O escritor recriou no seu mundo romanesco a realidade social, religiosa e política da época, como defende Cruz (1974). Discordamos da posição de Lopes (2008) que, referindo-se de forma genérica à produção de Joaquim Gomes Coelho, considera que o escritor opõe a vida urbana, repleta de vícios, à vida rural, capaz de transformar as pessoas, apresentando-a, assim, como um modelo de virtudes. Para demonstrar este raciocínio, Lopes elenca um conjunto de personagens cuja função mediadora contribui para que se encontre a felicidade e tranquilidade de vida. No entanto, parece esquecer outras personagens que povoam estas aldeias. A venda do Damião Canada é o ponto central da vida social em Alva-penha, onde Joãozinho das Perdizes e Eusébio Seabra se encontram para disseminar intrigas políticas e manipular a opinião dos frequentadores do local. É dali que surge a revolta que tenta impedir o enterro de Ermelinda no cemitério, e muitos boatos ali têm origem. A hipocrisia e a falsidade também são características presentes nessa aldeia.

O fanatismo religioso, alimentado pelos missionários, bem como a violência e o álcool são flagelos que acompanham o casal D. Catarina e Zé Pereira, tios de Ermelinda. A criança é a vítima mortal do fanatismo incutido pela tia, sob ação dos missionários. A agressão de que estes são alvo justifica a prisão de Herodes, pai de Ermelinda. Através do círculo familiar desta se entretece a crítica social, com o recorte de um conjunto de personagens-tipo, a evocar embrionariamente a denúncia do romance de Eça *Os Maias*.

O sensacionalismo jornalístico também chega ao espaço aldeão. É através dele que se mancha a honra de Augusto e sobre ele se lança o flagelo da suspeita. Mas é também por este meio que se descobre a verdade. Pertunhas é, afinal, o responsável pela subtração da carta que conduz à difamação do conselheiro. A gênese da maledicência revela-se em Seabra.

A política, analogamente ao que acontece nas cidades, corrompe os aldeões. Os conflitos de interesses, a compra de votos, a troca de favores, e as intrigas políticas chegam também às aldeias recônditas de Portugal. O progresso exige sacrifícios, como sejam a destruição da quinta de Vicente ou o pagamento de votos através da nomeação de um professor, que não Augusto, para o lugar vago que havia na aldeia. O comunicado de Seabra resume nestas palavras a «série de ilegalidades, escândalos, subornos e pressões de todo o género, de que, dizia ele, fora teatro aquela pacífica aldeia do Minho» (Dinis, 1999a: 408).

A linguagem utilizada nos romances, similar à dos contos, traduz a dimensão coloquial do quotidiano das gentes que habitam o Minho. A pronúncia de Daniel denuncia a sua origem minhota: «Houve, por exemplo, uma mulher que, durante alguns meses, conseguiu assenhorar-se dos pensamentos do nosso herói pela maneira individualíssima e inimitável, com que sabia dizer aquele gracioso *àgora* minhoto, tão levemente criticado pela gente da capital.» (Dinis, 1999b, p. 83). Eis o contributo de Júlio Dinis para o enriquecimento da linguagem literária, como defende Stern (1972), pelo modo como integra nela a linguagem do povo.

O romance dinisiano transporta o leitor para a mesa minhota, partilhando com ele a gastronomia da região. Desde a receção de Henrique com uma ceia de que faz parte a canja de galinha, aos pratos habituais na época festiva do Natal, em que se destacam os «mexidos», «o vinho quente» e «as rabanadas» com a «calda de mel», somos convidados a conhecer os hábitos alimentares do Minho, em contexto familiar, em que a refeição constitui também um espaço de convivialidade e de união.

#### 4. CONCLUSÃO

Júlio Dinis assume o seu interesse, desde muito cedo, nas suas epístolas, pela geografia física e humana da região minhota. A obra narrativa evidencia este interesse, que se patenteia quer nas narrativas breves, quer nos romances.

É sobretudo nos *Serões da Província* e em *A Morgadinha dos Canaviais* que se escarpeliza a presença da cultura e das tradições desta região, bem como de outras peculiaridades naturais e paisagísticas destes lugares associadas ao seu ruralismo. Consequentemente, visitar a obra narrativa dinisiana recentra a atenção do leitor na representação da província minhota na ficção literária. Antes de mais, a paisagem do Minho é descrita como fresca e encantadora, despertando emoções nas personagens e tendo um efeito regenerador sobre elas. Além disso, a região é retratada como um espaço de encontro familiar, em que os afetos e a convivialidade se tornam ingredientes indispensáveis, nomeadamente na receção calorosa aos hóspedes. As festividades da província enfatizam esta dimensão da vida em família. Neste contexto festivo e no quotidiano das gentes da província, destacam-se as tradições que passam pela gastronomia, mas também pelas cantigas populares e pela propensão para os boatos.

A realidade social das aldeias isoladas do Minho, caracterizadas também pelo analfabetismo, pela miséria e pela emigração em busca de uma melhoria de condições de vida, emerge, de igual modo, nestas obras. Nelas assomam outras críticas sociais e políticas, envolvendo representantes de grupos muito diversos, desde os políticos aos missionários. O fanatismo religioso é um dos flagelos satirizados veementemente. Portanto, os espaços rurais, apesar das suas virtudes, não permanecem imunes aos vícios que corroem a cidade de Lisboa, ontem como hoje. Deste modo, na obra ficcional dinisiana confluem a genuinidade da geografia física e humana minhotas, em que resume a verdade do quotidiano das suas aldeias, na vivacidade dos diálogos de origem popular ou na recriação das dificuldades com que estas populações se confrontam, decantadas da dimensão idílica a que tantas vezes se resume com ligeireza a produção literária de Júlio Dinis.

Por tudo isto, os críticos literários não encontram consensos na tentativa de filiar Júlio Dinis ora ao Romantismo ora ao Realismo, tendendo a conceder-lhe um lugar de charneira entre estes movimentos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Carmen M. (2010). *Júlio Dinis – Representações Romanescas do Corpo Psicológico e Social: influência e interferência da literatura inglesa*. (Tese de Doutoramento). Porto: Universidade do Porto.
- BOTO, Carlota (2006). «A Cultura Escolar Portuguesa pelo Traçado Literário do Século XIX», In *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL», *Pelotas*, n. 20, pp. 51-80.
- BUESCU, Helena C. (1990). *As Incidências do Olhar: Percepção e Representação*. Lisboa: Caminho.
- CRUZ, Liberto (1974). *Júlio Dinis* (Vol. 87). Mem-Martins: Publicações Europa-América. | (2002). *Júlio Dinis*. Lisboa: Quetzal Editores.
- DINIS, Júlio (1967a). *Cartas e Esboços Literários*. Porto: Livraria Civilização Editora. | (1967b). *Cartas e Esboços Literários*. Porto: Livraria Civilização Editora. | (1971). *Serões da Província – Vol I*. Porto: Livraria Civilização Editora. | (1980). *Serões da Província – Vol II*. Porto: Livraria Civilização Editora. | (1999a). *A Morgadinha dos Canaviais*. Porto: Livraria Civilização Editora. | (1999b). *As Pupilas do Senhor Reitor*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- FERNANDES, Adília & PAIVA, Odete (2009). Emigração dos minhotos para o Brasil (1850-1910). Os bem-sucedidos e os outros, In Fernando Sousa *et al.* (coord.) *Nas Duas Margens. Os Portugueses no Brasil* (pp. 411-423). Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade / Edições Afrontamento.

- FERREIRA, M. Ema T. (1987). Introdução. In *A Morgadinha dos Canaviais*, 2.<sup>a</sup> ed. (pp. 7-43). Lisboa: Ulisseia.
- FRAGATEIRO, José M. (1989). «Ovar e Júlio Dinis». In *Ovar e Júlio Dinis*. Ovar: Serviço de Cultura da Câmara Municipal de Ovar.
- LAMY, Alberto S. (1989). «Júlio Dinis e Ovar». In *Ovar e Júlio Dinis*. Ovar: Serviço de Cultura da Câmara Municipal de Ovar.
- LEITE, Rosa M. P. (2010). *A narrativa breve de Júlio Dinis* (Diss. Mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- LEPECKI, M. Lúcia (1979). *Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis*. Vols. Biblioteca Breve n.º 39. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- LIMA, Alceu A. (1940). «Centenário de Júlio Dinis – Júlio Diniz». *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 39 (59), 213-221.
- LOPES, Ana M. (2008). Diferenças regionais e os seus reflexos na literatura. In *Portugal: Percursos de Interculturalidade* (Vol. 3, pp. 161-164), Lisboa: Univ. Católica.
- MARTINI, Elisabeth (2022). «Civilização e barbárie, segundo Júlio Dinis e Fialho de Almeida». *Convergência Lusíada*, 33(47), 36-64.
- PEREIRA, M. de Jesus (2017). *Representações Socioculturais Oitocentistas. Olhares de Júlio Dinis sobre o Quotidiano Portugueses* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Universidade Aberta.
- PORTO, Maria Inês F. (2010). *Abordagens do Campo na Literatura Portuguesa no Século XIX*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- QUEIROZ, Eça de (1890). *Uma Campanha Alegre*. Edições Livros do Brasil.
- RITA, Annabela (1999). «Júlio Dinis, "um autor menos atrevido"? – Os Fidalgos da Casa Mourisca, ou o mapa do tesouro». *Boca Do Inferno – Revista de Cultura e Pensamento*, 4, 75–101. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- SIMÕES, António D. (1988). *Ovar e Júlio Dinis – Desfazendo um Equívoco*. Ovar: Museu.
- STERN, Irwin (1972). *Júlio Dinis e o Romance Português (1860-1870)*. Porto: Lello & irmãos Editores.
- TAVARES, J. (1939). *Júlio Diniz e o Distrito de Aveiro*: Vol. V. Arquivo do Distrito de Aveiro. | (1957). *O Povo da Região de Ovar na Obra de Júlio Dinis*: Vol. XXIII. Arquivo do Distrito de Aveiro.
- VICENTE, Fernanda (2023). «Os locais e as gentes na narrativa dinisiana». In A. C. Carvalho & C. C. Vieira (Eds.), *As Beiras – Imagens do Ambiente Natural e Humano na Literatura de Ficção*, Lisboa, Colibri (pp. 1-14).

## CAPÍTULO 5



© Ana Cristina Carvalho



© Isabel Fernandes Alves